



A SEQUÊNCIA TEXTUAL ARGUMENTATIVA E A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM TEXTOS DO GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM DE ESTUDANTES DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO



THE ARGUMENTATIVE TEXTUAL SEQUENCE AND THE ENUNCIATIVE RESPONSIBILITY IN TEXTS OF THE GENDER WRITING OF THE ENEM OF HIGH SCHOOL STUDENTS

FLÁVIA CRISTINA CANDIDO DE OLIVEIRA

DANIELLE BEZERRA DA PONTE

JOSÉ LOURENÇO DA SILVA NETO

REBECA ÁVILA PIMENTEL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 28/10/2021 ● APROVADO EM 09/12/2021

Abstract

This research aims to investigate the aspects of textual/discursive compositional structure present in the style of the Enem essay genre in 1st year high school textual productions. We take as a basis the prototype of the argumentative textual sequence and enunciative responsibility in Adam (1992; 2008; 2019). The research is classified as descriptive and quali-quantitative, because we analyzed the presence of specific data from textual analysis and the recurrence of enunciative responsibility in a corpus of twelve (12) essays of 1st

year high school students. We found, through the data collected and investigated, that, in the school prose analyzed, there is the structure of the argumentative sequence prototype and the text plan, according to the Enem writing style, and also the recurrence of some categories of enunciative responsibility, predominantly, with the anonymous point of view.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os aspectos da estrutura composicional textual/discursiva presentes no estilo do gênero redação do Enem em produções textuais de 1º ano do Ensino Médio. Tomamos por base o protótipo da sequência textual argumentativa e a responsabilidade enunciativa em Adam (1992; 2008; 2019). A pesquisa é classificada como descritiva e quali-quantitativa, pois analisamos a presença de dados específicos da análise textual e a recorrência da responsabilidade enunciativa em um *corpus* de doze (12) redações de alunos do 1º ano do Ensino Médio. Constatamos, por meio dos dados recolhidos e investigados, que, na prosa escolar analisada, há a estrutura do protótipo da sequência argumentativa e do plano de texto, conforme o estilo redação do Enem, e também a recorrência de algumas categorias da responsabilidade enunciativa, predominantemente, com o ponto de vista anônimo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Textual sequence. Enunciative responsibility. Argumentation.

PALAVRAS-CHAVE: Sequência textual. Responsabilidade enunciativa. Argumentação.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Os estudos da Análise Textual do Discurso (ATD) permite-nos analisar os textos sob duas vertentes: textual/discursiva. A textual possibilita a compreensão da estrutura do texto, como, por exemplo, as sequências textuais. Ao considerarmos a sequência textual argumentativa, cabe-nos investigar se uma determinada produção possui tese, lançamento de dados, sustentação, refutação e conclusão (ADAM, 2008; 2009).

Quanto à responsabilidade enunciativa, podemos analisar em uma produção se o autor se responsabilizou (ou não) pelas informações colocadas, ou seja, podemos observar os indícios de autoria ou apropriação de um conteúdo, por meio de algumas categorias elencadas neste artigo (ADAM, 2008).

Ademais, tal análise nos permite compreender os textos escolares como grandes fontes de pesquisa. Logo, as concepções de Adam (1992; 2008; 2009) se fazem de extrema importância para a investigação dessas redações escolares, especialmente, no recorte de análise que fizemos nesta pesquisa. Nesse contexto, analisamos uma amostra de doze (12) redações escolares de alunos de 1º ano do Ensino Médio de uma escola privada de Sobral – CE.

Para demonstrarmos os resultados, o artigo está organizado em duas partes. A primeira refere-se aos postulados teóricos com uma seção para tratarmos do protótipo da sequência textual argumentativa. Por conseguinte, elaboramos

uma seção para abordar as categorias da responsabilidade enunciativa. A segunda parte refere-se à metodologia e à análise dos dados. Primeiramente, a análise de redações na íntegra e, posteriormente, a recorrência de categorias da responsabilidade enunciativa por meio de excertos dessas redações.

Dessa forma, compreendemos como a estrutura sequencial se faz presente na prosa escolar e também como e quais marcas da responsabilidade enunciativa foram identificadas nos textos de alunos de Ensino Médio. A próxima seção deste artigo trata do protótipo da sequência textual, enfatizando o que é uma estrutura textual como suporte para introduzir o protótipo da sequência argumentativa.

2. O PROTÓTIPO DA SEQUÊNCIA TEXTUAL

As sequências textuais são estruturas que compõem os textos e permeiam os gêneros, estudá-las é compreender como os textos se organizam. Segundo Cavalcante (2011), é através das sequências textuais que reconhecemos a natureza narrativa, argumentativa dentre outras sequências que os textos possuem.

Ademais, não são organizações aleatórias, elas possuem características próprias tais como marcas lexicais e gramaticais. Os textos são formados por sequências, desde uma pequena anedota a um romance machadiano, por exemplo. Nesse enfoque, não é uma contradição ao dito, mas um caso de excepcionalidade, Adam (2009) ressalta que a homogeneidade é um caso excepcional e, se um texto apresenta uma estrutura, supostamente, homogênea; há duas possibilidades para isso ocorrer.

Na primeira dessas possibilidades, o fato é que o texto comporta uma sequência, na segunda, o texto pode apresentar inúmeras sequências de um mesmo tipo ou sequência dominante e outros tipos dominadas. De acordo com Adam (2009, p. 123-124), o texto pode apresentar duas possibilidades numa estrutura sequencial (quase) homogênea “Ou o texto só comporta uma sequência (*sic*): no caso de uma narrativa mínima [...]. Ou o texto comporta n sequências (*sic*) do mesmo tipo (todas narrativas, por exemplo) [...]”.

Nesse viés, observamos que, quando falamos que as sequências permeiam os textos, precisamos nos atentar ao que Adam (2009) fala a esse respeito, que um texto ao se enquadrar como (quase) homogêneo, deve-se ao fato de que ou ele vai possuir várias sequências iguais, ou ele é formado por uma só sequência textual. Além disso, é importante ressaltar ao falarmos em sequências textuais, que elas estão para um plano interno de texto.

Nessa perspectiva, os textos, em geral, vão possuir sequências, estruturas semelhantes, lembrando apenas do caso excepcional já mencionado. A estrutura de uma anedota, por vezes, pode se assemelhar a de um poema, no entanto pode haver no poema mais características manifestadas da sequência narrativa ou vice-versa. A estrutura que compõe os textos é semelhante, o que explica o fato de um editorial não se parecer a uma redação do Enem, apesar de a sequência textual argumentativa ser predominante em ambos, e isso se deve ao plano de texto. Conforme Adam (2009, p. 122),

A unidade textual que eu designo pela noção de SEQÜÊNCIA (*sic*) pode ser definida como uma ESTRUTURA, quer dizer, como:

- uma rede relacional hierárquica: grandeza decomponível em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem.
- uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria e, portanto, em relação de dependência/independência com o conjunto mais amplo de que ela faz parte.

Dessa forma, é visível a complexidade das sequências textuais abordada pelo autor. Adam (2009) afirma que a sequência é uma estrutura textual, uma rede hierárquica formada por pequenas unidades de sentido em que há um processo de encadeamento, juntando-se a outras até compor um texto. Nesse viés, as sequências manifestam-se, internamente, ao texto, e o plano de texto vai ser o delimitador da existência de um determinado gênero.

O tópico seguinte trata a respeito da sequência textual argumentativa e do plano de texto. Compreendemos, de acordo com Adam (1992; 2009; 2019), como se organiza a sequência textual argumentativa, vemos por meio de esquema o seguimento do protótipo da sequência argumentativa: Tese anterior – dados – conclusão (suporte e refutação). Por fim, tratamos, brevemente, a respeito do plano de texto e da sua importância na diferenciação dos gêneros da sequência argumentativa.

2.1 O PROTÓTIPO DA SEQUÊNCIA TEXTUAL ARGUMENTATIVA

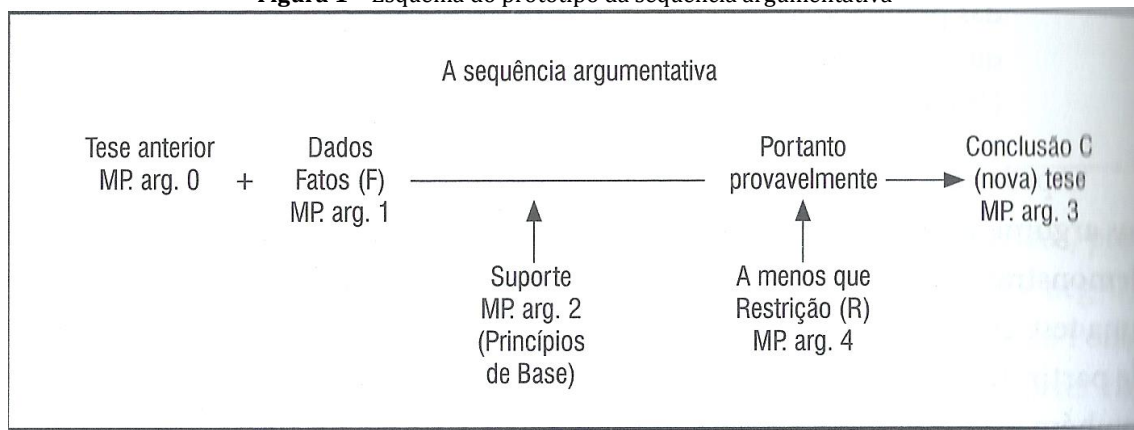
Segundo Adam (2009), as sequências textuais apresentam-se em cinco: narrativa, descritiva, explicativa, conversacional/dialogal e argumentativa. Entretanto, detemo-nos nessa última sequência que é uma das categorias de nossa pesquisa. Para Adam (1992), não podemos confundir o fato de que todos os textos comportam uma orientação argumentativa com a sequência argumentativa. Ademais, Ducrot (1980, p. 81 *apud* ADAM, 2009, p. 126-127) sobre a sequência argumentativa afirma que “[...] seu objetivo é ou para demonstrar, ou para refutar uma tese [...]”.

Além disso, quando focamos no estudo do protótipo da sequência argumentativa, precisamos compreender que Adam (1992; 2009) recorre bastante ao esquema de Toulmin (1993), aos postulados a respeito da argumentação, realizado pela indução (Se p, então q) e pelo silogismo (com sua variante incompleta própria do discurso ordinário: o entimema). Dessa forma, o pensamento de Adam a respeito desse protótipo é compreender a sequência argumentativa como uma estrutura que inicia com a consideração de dados, informações a respeito de um determinado tema até chegar a uma conclusão sobre o assunto debatido, principalmente, de certa forma, um diálogo crítico desses pensamentos.

Assim Adam (1992, s/p) aponta sobre o modelo de Toulmin, analisado por ele “O modelo de Toulmin [...] é um verdadeiro esquema do processo de ancoragem/refutação dos enunciados característicos da seqüência (*sic*) argumentativa que nós diremos canônica ou prototípica”. A partir desse esquema, Toulmin (1993 *apud* ADAM, 2009) afirma que obteve êxito com essa estruturação, pois ele aborda o tripé da argumentação. Para tal, Adam (2009, p. 139) recorre ao esquema de Toulmin com Platin e afirma que “O cerne da argumentação está no tripé [(1) Dado (fato) >> (3) Garantia – Lei de Passagem (princípio) >> (2) Asserção conclusiva]”.

Além disso, temos a importância do silogismo e do entimema para compreendermos a base da argumentação. Segundo Adam (1992), o silogismo tem a capacidade de conduzir a uma conclusão sem a necessidade de informações exteriores, ou seja, são dados que pelo simples fato de serem postos lado a lado já geram uma conclusão. Em relação ao entimema, Adam (1992) ressalta que ele é próprio do discurso ordinário, conforme o costume, portanto, para se obter uma conclusão ao ser posto dois dados, é necessário recorrer a um recurso exterior de informações. Já em Adam (2019), há uma esquematização que auxilia na compreensão do protótipo da seqüência argumentativa. A seguir, o esquema:

Figura 1 – Esquema do protótipo da seqüência argumentativa



Fonte: Adam (2019, p. 164)

Adam (2019) afirma que se propôs a dar à seqüência textual argumentativa completa a forma representada pela imagem acima, pois esse esquema deixa espaço à contra-argumentação. Observemos o que Adam (2019, p. 164) complementa a respeito da apresentação do esquema prototípico:

Esse esquema de base com três macroproposições (MP. arg.1, MP.arg.2 e MP.arg.3) apoia-se explicitamente sobre MP. arg.0 (tese anterior) no caso particular da refutação. Retenhamos que esse esquema prototípico não fixa uma ordem linear imutável de macroproposições: a (nova) tese (MP.arg.3) pode ser formulada logo de início e ser retomada ou não por uma conclusão que a

duplique no final da sequência, a tese anterior (MP.arg.0) pode estar subentendida. Esse esquema comporta dois níveis:

- Justificativo (MP.arg.1 + MP.arg.2 + MP.arg.3): neste nível, a consideração do interlocutor é baixa. A estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos relatados.
- Dialógico ou contra-argumentativo (MP.arg.0 e MP.arg.4): neste nível, a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a uma transformação de conhecimentos.

Conforme supracitado, podemos compreender o que ele considera como sendo o protótipo da sequência argumentativa. Com o esquema e o apoio das explicações a respeito, podemos pensar no protótipo como um conjunto de características que objetivam defender ou refutar uma tese. Disso já sabemos, mas identificar essas características ao analisar um determinado gênero é o que se faz mais produtivo para compreendermos melhor o modelo dessa sequência.

De acordo com o esquema representado pela figura 1, observamos que há uma tese anterior, essa tese, a menos que seja refutada, recebe um suporte. Assim dados serão postos em conformidade com ela, e é esse suporte que garante força a essa tese e, por fim, essa leva a uma conclusão ou nova tese.

Para fins de esclarecer ainda mais essa explicação, suponhamos a seguinte situação: um aluno fará uma prova de redação do Enem, o tema solicitado é: “Questões a respeito da legalização do aborto no Brasil”. O aluno preferiu se posicionar a favor da legalização, portanto ele apresentou uma tese anterior, que pode estar subentendida no texto. Lançou dados, informações a respeito do tema, colocou um caso específico que havia ocorrido na cidade, por exemplo, e isso deu suporte para ele criar sua conclusão, defendendo que o aborto deve ser legalizado no Brasil.

Ainda com esse exemplo acima, imaginemos outra situação, agora que o aluno não seja a favor da legalização, ele apresentou uma tese inicial, colocou dados e, em seguida, começou a refutar esses dados apresentados, gerando, assim, uma nova tese que contra-argumenta com a tese defendida inicialmente. Concluímos que, no primeiro exemplo, o aluno utilizou o movimento Justificativo e, no segundo, ocorreu o Dialógico.

Dessa forma, podemos compreender a respeito do protótipo da sequência argumentativa como um conjunto de características que objetivam defender ou refutar uma tese, as frases periódicas com seus conectores argumentativos são exemplos dessas características, esse processo gera dois movimentos, um Justificativo e outro Dialógico. Por fim, é importante abordarmos, mesmo que brevemente, o plano de texto.

2.2 O PLANO DE TEXTO

Segundo Adam (2008) o plano de texto é, consideravelmente, significativo para a composição macrotextual do sentido do texto. Nesse sentido, devemos

imaginar o plano de texto como um orientador da construção do texto dissertativo, um “unificador da estrutura composicional” como bem frisou Adam (2008, p. 256).

Nessa perspectiva, Adam (2008) aponta que os textos possuem estruturas bastante flexíveis, o plano de texto é, portanto, de extrema importância para a construção textual, pois norteará o escritor/aluno a como acrescentar determinadas ideias sem prejudicar a intenção de um determinado gênero de texto.

Ademais, segundo o mesmo autor, há planos de texto ocasionais e planos fixos e tais são preponderantes para a composição textual. Em relação ao plano de texto fixo, Adam (2008, p. 256) fala para pensarmos no plano “canônico da dissertação (introdução, tese, antítese, conclusão)”, ou seja, em uma estrutura fixada pela situação histórica de um gênero. Já o ocasional, Adam (2008) aponta como sendo inesperado e apresenta o exemplo do gênero textual Sumário, que pode abarcar os entretítulos de um gênero acadêmico, ou pode apresentar os capítulos de uma obra literária.

Dessa forma, ao levarmos em consideração a sequência e o plano de texto em Adam (2008) e o gênero redação do Enem em Oliveira (2016), podemos compreender que esse gênero possui um plano de texto próprio, pois além de apresentar características de um plano fixo, como a presença de introdução, tese, argumentos e/ou contra-argumentos e conclusão, há um diferencial que é a proposta de intervenção. Esta proposta de intervenção altera a introdução e a conclusão do modelo canônico, pois é preciso apresentar os problemas que deverão ser solucionados na conclusão.

3. A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA

A Responsabilidade Enunciativa (doravante RE) deve ser vista como um fenômeno repleto de estratégias esquematizadas. Possui, portanto, categorias que fomentam, substancialmente, a possibilidade de análise nos mais diversos tipos de texto, especificamente, aqui, produções textuais baseadas no gênero redação do Enem.

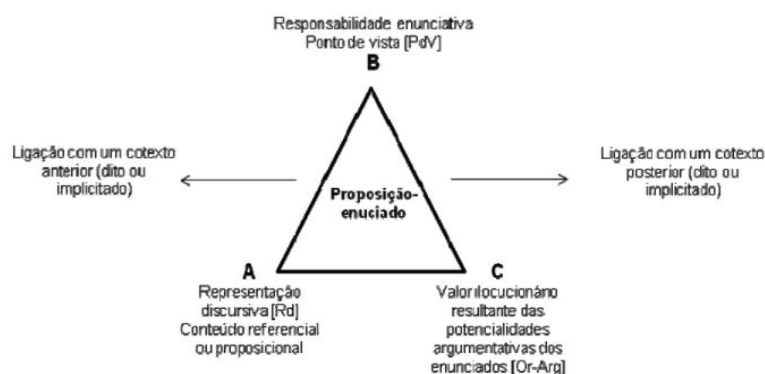
De acordo com Adam (2008, p. 115), “[...] os enunciados podem ser marcados ou não pela presença de um locutor-narrador”. Dessa forma, a proposição da sequência textual argumentativa pode conter categorias de unidades da língua, que medem o grau de responsabilidade enunciativa devido aos marcadores. Por fim, alguns gêneros podem apresentar mais de um ponto de vista a partir do momento em que aparece um conector que marca a adversão, a oposição, para que a informação seja atribuída a outro enunciador, tendo outra fonte de informação a qual se contrapõe à primeira.

Essas categorias, segundo Benveniste (1974, p. 79-88 *apud* ADAM, 2008, p. 117), são denominadas de “aparelho formal de enunciação”, sendo, porém, descritas de maneira mais expansiva por Adam (2008). Ainda, segundo Bernardino *et al* (2012), a responsabilidade enunciativa é uma categoria inseparável ou correlata ao ponto de vista (doravante PdV). Indo além, pode se definir a

responsabilidade enunciativa como um aspecto linguístico-discursivo que marca a inserção do locutor no ato da enunciação.

É conveniente salientar que a RE é uma das dimensões da proposição-enunciado, unidade elementar mínima da Análise Textual do Discurso (ATD). Ela compõe parte de um “tripé” esquematizado, o qual faz uma junção entre três dimensões: a dimensão enunciativa, o conteúdo referencial e o componente argumentativo, conforme Zandonai, Giering & Albé (*apud* Adam, 2008). O esquema de Adam, demonstrado a seguir, deixa explícita três dimensões interligadas.

Figura 2 – Esquema da responsabilidade enunciativa



Fonte: Adam (2008, p. 111)

Bernardino (2012) afirma que

[i]sso pode ser entendido levando em conta que Adam (2008) sugere que toda representação discursiva pressupõe a manifestação de um ponto de vista. Já o valor ilocucionário, resultante das potencialidades argumentativas, de acordo com esse autor, é indissociável de uma representação discursiva. Já no que se refere à responsabilidade enunciativa de uma proposição-enunciado, vemos que ela só assume sentido na relação com o valor argumentativo do mesmo (BERNARDINO, 2012, p. 42).

Sendo assim, observa-se que a RE tem como base o conteúdo proposicional e o valor ilocutário, havendo um foco na proposição-enunciado (pela qual se apresenta). É a partir dessa que pode se observar o(s) ponto(s) de vista presente(s) no enunciado, considerando o bloco informativo e os elementos gráficos (palavras e pontuação). Isso, em conjunto à análise das proposições, possibilita ao leitor uma percepção do que é afirmado pelo próprio locutor ou se é apropriada a fala de um interlocutor dentro de um texto.

Diante dessa percepção, o leitor consegue captar os indícios de autoria ou apropriação de um conteúdo, concluindo, por fim, a identificação de um ponto de vista marcado ou anônimo. Essa distinção vai muito além da identificação de foco discursivo. São observadas várias categorias que auxiliam o processo a fim de

haver um estudo linguístico sobre o texto. Esse auxílio se firma como imprescindível no estudo da RE, já que, sem as elencar, torna-se impossível compreender, exatamente, o funcionamento das estratégias argumentativas utilizadas pelo enunciador/escritor.

Dentre uma das primeiras categorias está a identificação do “índice de pessoa”, no qual pertencem os pronomes, em especial os possessivos, que possibilitam uma maneira mais direta de averiguar um “peso” ou qualificação no enunciado (ex.: “Na *minha* opinião”; “*Eu* posso”; “*Esse* homem não é digno”; “A culpa é *sua*”).

Outra categoria ocupa-se dos “dêiticos temporais” (ex.: ontem; hoje; amanhã.) e “espaciais” (ex.: “*Nesta* cidade grande”; “Não há um livro bom *nessa* espelunca”), especificando tempo e espaço, pois situam o leitor/interlocutor no tempo-espaço da informação. Eles podem fazer uma referência absoluta (precisa ou vaga), relativa ao co-texto (anafórica) ou contexto (situacional) – sendo assim, pelo teor vasto, a identificação não é feita apenas pela observação de uma simples palavra, já que ela abrange a referenciação do contexto de produção ou ação, grupos de advérbios, expressões nominais, expressões prepositivas, expressões adjetivas, bem como de pronomes e determinantes. Assim, delimitam, dentro do texto, a classificação sintática de adjuntos adverbiais de tempo ou espaço.

A categoria que diz respeito aos “tempos verbais” tem a responsabilidade de marcar o posicionamento do enunciador. Dentro do texto, os verbos funcionam como marcações as quais o autor modifica, cruza e aprofunda seus argumentos. Isso pode ser exemplificado com o uso de verbos situados, nesta pesquisa, em sua maioria, pertencentes ao modo indicativo, priorizando a certeza do argumento (ex.: *nota-se*; *percebe-se*; *conclui-se*).

Conforme as divisões identificáveis da RE, há as “modalidades” que abrangem um vasto repertório de valor gramatical. Em nossas análises, de modo geral, verificamos uma quantidade predominante de lexemas (afetivos, axiológicos ou avaliativos) e orações objetivas, como em alguns casos que foram encontradas orações subordinadas e modalizadores de enunciado. Outras subcategorias foram identificadas em menor quantidade e classificadas em verbos de opinião, advérbios de opinião, modalidades intersubjetivas e subjetivas e os modalizadores de enunciação.

Para o embasamento teórico de um argumento fundamento por uma citação, os “diferentes tipos de representação de fala” provocam, segundo Adam (2008, p. 119), “[...] tensão entre a busca de uma continuidade enunciativa da narração e as rupturas que toda fala representada introduz”. Dessa forma, as subdivisões dessa categoria consistem no discurso direto (DD), discurso direto livre (DDL), discurso indireto (DI), discurso narrativizado (DN) e discurso indireto livre (DIL). É comum encontrar, dependendo da construção argumentativa no estilo do gênero redação do Enem, o discurso direto como forma de confirmar ou dar valor comprobatório à tese defendida pelo autor.

Já a categoria “indicações de quadros mediadores”, resumidamente, explica-se como marcadores explícitos que podem indicar juízo de opinião de um segundo locutor, eximindo o produtor do texto de responsabilidade enunciativa. Esses juízos de opinião são expressos a partir de marcadores como: *de acordo com* ou *segundo* que denotam uma marcação para exprimir a opinião revelada em um

discurso direto ou indireto. Os “fenômenos de modalização autonímica” também se apresentam como marcadores, nas redações analisadas, por exemplo, esses fenômenos se caracterizaram, notoriamente, pelo uso de aspas ou de itálico.

Por último, a categoria “indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados”, que são, conforme Adam (2008, p. 120), “[...] efeitos de ponto de vista que repousam numa focalização perceptiva (*ver, ouvir, sentir, locar, experimentar*) ou numa focalização cognitiva (*saber ou pensamento representado*)”.

É evidente a importância das categorias supracitadas para a compreensão de cada segmento enunciativo e sua função dentro da argumentação. Observou-se que, através dessas categorias, a responsabilidade enunciativa é assumida ou não pelo locutor. Isso possibilita distinguir as diferentes vozes encontradas nas redações, seja através da existência de um ou mais pontos de vistas ou pela necessidade de elencar um argumento com precisão, recorrendo a uma fonte extra de conhecimento.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, demonstramos os passos metodológicos com o intuito de apresentar o tipo de pesquisa quali-quantitativo e os resultados da análise dos elementos que corroboram a construção da responsabilidade enunciativa em um plano de texto, por meio do protótipo da sequência textual argumentativa. As categorias salientam que, apesar de serem textos de estudantes de 1º ano do Ensino Médio, apresentam o movimento argumentativo, bem como o Ponto de Vista (PdV). Na sequência, damos continuidade com a delimitação do universo da pesquisa e os procedimentos de análise.

Ademais, descrevemos nesse procedimento as categorias adotadas, buscando aproximar os construtos teóricos de Adam (1992; 2008; 2009; 2019). O método utilizado é denominado indutivo, uma vez que partimos de um estudo particular para chegarmos a determinadas conclusões gerais, isto é, do específico para o geral. Para Gil (2011, p.10), “Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos, cujas causas se deseja conhecer”. A pesquisa se configura como quali-quantitativa, uma vez que por ser quantitativa:

Os dados obtidos mediante levantamento podem ser agrupados em tabelas, possibilitando sua análise estatística. As variáveis em estudo podem ser quantificadas, permitindo o uso de correlações e outros procedimentos estatísticos. À medida que os levantamentos se valem de amostras probabilísticas, torna-se possível até mesmo conhecer a margem de erro dos resultados obtidos (GIL, 2002, p. 51).

Ainda, enfatiza-se o caráter qualitativo; para Gil (2002, p. 90):

[...] nas pesquisas de cunho qualitativo, sobretudo naquelas em que não se dispõe previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride.

Nesse sentido, a pesquisa também se caracteriza como do tipo descritiva, pois, de acordo com Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Sendo assim, a descrição das categorias, importantes elementos para a identificação da sequência, são de suma importância para compreensão da análise.

Houve um levantamento quantitativo de dados das redações com a categoria Responsabilidade Enunciativo (RE) que é dividida em: *índice de pessoa, dêiticos espaciais e temporais, tempos verbais, modalidades, modalizadores de enunciado, diferentes tipos de representação de fala, indicações de quadros mediadores, fenômenos de modalização autonímica, indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.*

A coleta do material de análise ocorreu durante os meses de junho a setembro, no ano de 2020, em meio à pandemia de Covid-19. Nesse sentido, nem todos puderam cooperar para o envio de texto por alguns motivos, tais como o baixo estímulo estudantil e o desinteresse pela cooperatividade na pesquisa. Por essa razão, o *corpus* se compõe de doze (12) redações coletadas em uma escola da rede privada, em Sobral – CE, oriundas de uma turma de 1º ano do Ensino Médio, cujos discentes possuíam notas acima da média que lhes dá *status* de uma turma de destaque na escola. Eles receberam orientação de um professor para produzir o gênero redação do Enem. Sendo assim, produzem textos que ainda procuram se adequar às exigências ora da banca do vestibular ora da banca do Enem.

Recebemos, por e-mail, as redações digitadas, com o tema “*As fakes news no ambiente digital e suas consequências na sociedade*”. Primeiramente, fizemos uma análise para identificar o movimento argumentativo presente, para, em seguida, partirmos para a identificação da tese inicial, da nova tese, dos enunciados e, por fim, dos pontos de vista.

5. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, demonstramos a análise e os resultados das categorias: protótipo da sequência textual argumentativa (Justificativo ou Dialógico), o plano de texto e a responsabilidade enunciativa das redações no estilo do gênero redação do Enem.

5.1 O PROTÓTIPO DA SEQUÊNCIA TEXTUAL ARGUMENTATIVO E O PLANO DE TEXTO

A análise, nesse primeiro momento, é da categoria do protótipo da sequência textual argumentativa em doze (12) redações produzidas por alunos de 1º ano do Ensino Médio no estilo do gênero redação do Enem. Constatamos que todos os textos apresentaram o movimento justificativo conforme Adam (2019). Esse movimento culmina na postulação de uma tese e defesa dessa tese, por fim, o produtor do texto elabora uma tese conclusiva em conformidade com a defesa realizada no decorrer do texto.

Essa constatação na análise do protótipo da sequência textual argumentativa levou-nos a concluir que os textos, por pertencerem a alunos da rede privada de ensino, têm como objetivo a aprovação em cursos de nível superior, por isso os professores tendem a repassar modelos prontos para os alunos elaborarem suas redações. Atrelada a isso, os alunos, muitas vezes, precisam lidar com inúmeras disciplinas e pouco tempo de estudo, assim optam por um modelo pronto para apenas adaptar aos temas e, conseqüentemente, atingir a nota almejada na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) sem atingirem ao objetivo de escrever gêneros de natureza argumentativa necessários na continuidade de seus estudos no nível superior.

Analisamos, na íntegra, uma das redações da amostra, no intuito de apresentar o protótipo da sequência argumentativa proposto por Adam (2019) e mencionar a ocorrência do movimento justificativo em uma das redações do *corpus*.

[01]

A imprudência social em repassar conteúdos falsos não pode ser vista, hodiernamente no Brasil, como uma mera problemática da área política, mas como uma questão de ordem sociológica. *Esse aspecto se justifica porque tal irresponsabilidade trouxe consigo inúmeras mazelas, a exemplo da difusão do discurso odioso e do comprometimento da saúde pública* (Parg.0). Diante disso, (e1) *faz-se* (Pdv anônimo) *mister analisar esses fatores, pois causam sérios transtornos entre os cidadãos e o meio circundante.*

Nesse sentido, *a expansão dos discursos de ódio constitui uma das adversidades causadas pelo descuido coletivo em divulgar notícias falsas, visto que tais manifestações odiosas obtiveram protagonismo ao serem utilizadas na construção de temáticas ilegítimas* (Parg.1). Sob essa óptica, *com a chegada da Terceira Revolução Industrial, na segunda metade do século XX, houve a inserção de uma enorme quantidade de dados e tecnologias que contribuíram ao intercâmbio de informações* (e2). Entretanto, *a manipulação dos dados ocasionou a existência da pós-verdade e se beneficiou da ira presente na sociedade para atingir reconhecimento* (e3). A exemplo disso, *é cabível notar as eleições estadunidenses de 2016, nas quais viralizaram notícias falsas acerca da candidata Hillary Clinton, fator que incitou violência e tensões no cenário político* (e4). Desse modo, *as manifestações hostis colaboram para ferir a estabilidade social, além de interferir nas eleições* (Parg.2).

Outrossim, *o descuido dos brasileiros em disseminar relatos adulterados também é responsável por afetar a saúde pública, pois o compartilhamento de informações errôneas na área medicinal, como dietas milagrosas e movimentos antivacinas, podem submeter o bem-estar dos indivíduos a riscos.* (Parg.3) Por esse viés, *a realidade nacional entra*

em consonância com a obra literária “1984”, escrita pelo inglês George Orwell, na qual o instituto fictício “Ministério da Verdade” modificava a legitimidade dos dados, condição que prejudicava a vida dos cidadãos. Com efeito, essa literatura é fundamental para a compreensão do caráter nocivo da difusão de conceitos falsos, contudo a omissão estatal auxilia a perpetuação desse paradigma. Dessa forma, a ausência de cautela das pessoas ao difundirem informações falsas afeta a saúde física e psíquica dos indivíduos (Parg.4).

Destarte, urgem ações sinérgicas entre os atores sociais a fim de mitigar a irresponsabilidade social em repassar notícias falsas no Brasil. Para tanto, o Governo deve criar e potencializar projetos de extensão contra o divulgação de relatos falsificados, como a “Lei das Fake News”, por meio de um ciclo de ações engajadas. Ademais, a Escola, crucial à evolução da sociedade e à constituição do ser humano, deve desenvolver novas metodologias ativas, tais quais aulas e palestras, que discutam os efeitos negativos das notícias falsas à saúde brasileira, com o fito de atenuar a relação entre a realidade hodierna e a obra “1984” (INTERVENÇÃO). Por fim, almeja-se atingir a harmonia social no país (NOVA TESE). (T10)

O produtor do texto elaborou no parágrafo de introdução uma tese inicial quando menciona que o problema das *fake News* é uma mazela de ordem sociológica. Para fundamentar essa ideia, ele utilizou duas informações que funcionam como suporte, a ideia da difusão do discurso odioso e o comprometimento com a saúde pública, ambos provocados pelas notícias falsas. Vemos que, no decorrer do texto, essa tese inicial vai sendo defendida por meio da sustentação dos argumentos postos na introdução.

Além do mais, o aluno recorre a outras vozes para sustentar a defesa da tese postulada. No primeiro parágrafo de desenvolvimento, o produtor recorreu ao acontecimento da “Terceira revolução industrial” para sustentar uma das ideias: a que as *fake News* se beneficiaram da ira da população para atingir reconhecimento. O corpo da redação é uma grande movimentação de vozes em prol de sustentar a tese posta na introdução. Por fim, no parágrafo conclusivo uma nova tese é formulada em consonância com a tese anterior. Outra observação importante é o fato de que não houve a presença de refutações.

Assim, podemos ver, claramente, um movimento defensor de uma tese anterior, sem visar uma transformação do conhecimento, ou seja, deparamo-nos com um movimento justificativo. Após esse comentário, chegamos ao ponto mais significativo de nossa análise: identificar a utilização do protótipo da sequência argumentativa.

Segundo Adam (2019), os protótipos são modelos estruturais que permeiam os gêneros, o protótipo da sequência argumentativa é uma estrutura que contempla diversos gêneros, como a redação do Enem, um editorial, um artigo de opinião. Sendo assim, não importam as características específicas de cada gênero, eles possuem, com poucas exceções já trabalhadas na segunda seção, uma estrutura comum: tese + dados + suporte + restrição + conclusão.

Uma ideia que não pode prosseguir sem explicações é a respeito de como os gêneros mencionados acima seguem uma mesma estrutura e não são iguais. Nessa perspectiva, a resposta para isso é significativa, e precisamos compreender

que todos os textos possuem uma estrutura, mas o que os distingue entre si é o plano de texto, pois ele dá um direcionamento ao escritor, apresentando-lhes as necessidades daquele gênero específico. Por fim, basta lembrarmos que um artigo de opinião não é um texto do gênero redação do Enem, uma das grandes diferenças é a necessidade de uma proposta de intervenção pedida pelo gênero, algo que não é exigido em um artigo de opinião.

Dessa forma, ao falarmos do movimento justificativo, fundamentamo-nos na ideia de que, embora seja um produtor de texto em formação, a redação pertencente a um aluno do 1º ano do Ensino Médio mostra bem a aplicação do protótipo da sequência argumentativa, ou seja, o aluno aplicou do primeiro parágrafo ao último a estrutura da sequência argumentativa postulada por Adam (2019).

5.2 A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA

Na análise que se segue, mostramos a ocorrência das categorias da RE, segundo Adam (2008), analisando alguns excertos do *corpus* com a finalidade de demonstrar a materialização de cada uma dessas categorias mobilizadas em textos do gênero redação do Enem.

Na observação dos dados, contatamos a incidência maior da categoria tempos verbais em relação às outras categorias analisadas, entretanto não houve nenhum exemplar de análise das “indicações de suporte de percepções e de pensamentos”.

Sendo assim, demonstramos apenas os excertos mais significativos do *corpus* das categorias de análise de RE de acordo com esta ordem: *índice de pessoa, dêiticos espaciais e temporais, tempos verbais, modalidades, modalizadores de enunciado, diferentes tipos de representação da fala, indicações de quadros mediadores, fenômenos de modalização autonímica, indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados*.

Nas redações analisadas, o *índice de pessoa* refere-se aos “pronomes e possessivos marcadores de pessoas [...], da apóstrofe de um ser ausente ou inanimado [...], até os nomes que qualificam” (ADAM, 2008, p. 117-118) e são mobilizados em menor incidência no *corpus*. Vejamos os excertos:

[02]

Muito se tem discutido acerca das fake news no ambiente digital e suas consequências na sociedade. (T11)

[03]

Hodiernamente, as fakes news têm se tornado muito popular por chamarem a atenção das pessoas provocando seus interesses em informações que lhe agradam e/ou por estarem relacionadas com suas opiniões e crenças. (T11)

As análises demonstraram uma incidência muito ínfima dessa categoria. Nesses excertos, observamos que o pronome demonstrativo “suas” contribui

também para marcar a escolha de PdV anônimo em que o enunciador somente apresenta o assunto sem um posicionamento marcado sobre a tese defendida. O texto é construído, como podemos observar, na terceira pessoa do singular e o índice de pessoa é o recurso linguístico que, nesse caso, marca o distanciamento desse enunciador sobre as informações mencionadas diante do texto.

A categoria denominada de *dêiticos espaciais e temporais* “compreende uma referência absoluta (precisa ou vaga) ou uma referência relativa ao cotexto (anáfora) ou ao contexto (situacional) [...] é constituída dos elementos que fazem referência à situação na qual o enunciado é produzido” (ADAM, 2008, p. 118). A partir dessa categoria, destacamos alguns excertos significativos sobre esse recurso linguístico-discursivo.

[04]

No Brasil, as consequências da difusão das “fake news” *no ambiente digital* são preocupantes. (T05)

[05]

Hodiernamente, a propagação de “fake news”, infelizmente, tornou-se comum ao acessar os ambientes digitais. (T07)

[06]

Sobre essa óptica, durante a Revolta da Vacina, *ocorrida em 1904*, a ordem social do Rio de Janeiro foi abalada, uma vez que o povo estava desinformado sobre a necessidade da vacinação. (T06)

No excerto [04], identificamos o dêitico espacial nos dois aspectos destacados nesse excerto por “No Brasil” e “no ambiente digital”. Já no excerto [05], reconhecemos o dêitico temporal de referência absoluta vaga no termo “hodiernamente” que não é tão esclarecedor como o excerto [06] com referência absoluta precisa em “ocorrida em 1904”.

Pudemos observar uma incidência maior de dêitico temporal ao dêitico espacial. Isso se deve ao enunciador seguir um exemplar do gênero redação do Enem e, assim, reproduzir esse texto, utilizando esses recursos linguístico-discursivos sem, no entanto, refletir sobre o recurso, para enfim situar e informar o leitor com maior ou menor precisão através desses dêiticos.

Acerca da categoria *tempos verbais*, Adam (2008, p. 118) afirma que

[...] correspondem a diferentes tipos de localização relativamente à posição do enunciador e repartem-se em diversos planos de enunciação (oposições constatadas anteriormente entre o presente e o futuro do pretérito ou entre o presente de verdade generalizada e o par pretérito imperfeito-pretérito perfeito etc.).

Essa categoria apresentou maior incidência como recurso linguístico-discursivo da RE. Vejamos os excertos a seguir:

[07]

As "Fake News" no ambiente digital *causam* graves consequências na sociedade e *agravam* sérios prejuízos ao mesmo. (T01)

[08]

Segundo o site "Folha de São Paulo", em 2014, Fabiane Maria de Jesus *foi* morta após ser confundida por uma outra pessoa que *praticava* magia negra. (T05)

[09]

Um exemplo disso *seria* as páginas da internet do movimento antivacina, as quais compartilham dados mentirosos sobre os perigos das vacinas. (T06)

Verificamos que os tempos verbais nas redações são bem marcados pelos tempos do presente, mas também identificamos o pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do pretérito do modo indicativo. Esses recursos linguísticos marcam a RE, principalmente, nessa oposição entre o presente e o par pretérito imperfeito-pretérito perfeito.

Observamos que, no excerto [07], o tempo verbal do presente do indicativo demonstra uma incidência maior nas redações analisadas, seguido do excerto [08] com verbos no pretérito – perfeito e imperfeito – e do excerto [09] com o futuro do pretérito em que identificamos apenas uma (01) recorrência em doze (12) redações analisadas.

O presente do indicativo na terceira pessoa do singular ou do plural marcam o PdV anônimo que indica o distanciamento desse enunciador do tema tratado no texto. Assim, esse recurso apresenta-se com recorrência superior a qualquer outra categoria analisada em RE.

A categoria *modalidades* apresenta-se como sintático-semânticas subdivididas em técnicas de asserção e negação, hipotética real ou ficcional; objetivas; intersubjetivas; verbos de opinião; advérbios de opinião; lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos marcados por três tipos de unidades gramaticais: advérbio, grupo preposicional e proposição subordinada (ADAM, 2008). A partir dessa classificação, identificamos os seguintes excertos:

[10]

A futilidade não é transformada em conhecimento, mas a utilidade (*sic*), além de *ser usada* para o aprendizado é importante para o processo de amadurecimento interior da pessoa, uma vez que ao diferenciar uma notícia, há um desenvolvimento da capacidade cognitiva e de crítica ao seu redor. (T03)

[11]

Por isso, elas tendem a ignorar a possibilidade de analisar essas notícias e acabam confiando *cegamente* apenas por concordarem. (T11)

[12]

Para isso, é preciso uma *pequena* mudança pela parte de cada pessoa buscar saber mais sobre o assunto [...]. (T11)

[13]

Infelizmente, é cada vez mais possível ver ações como essa, e pelo fato de a internet transmitir informações para diversas partes do mundo e de forma extremamente rápida, é quase impossível de excluí-las por completo. (T02)

[14]

Portanto, é fulcral que a mídia, um dos maiores responsáveis pelo disseminamento de informações, reveja sua política de credibilidade, *de modo que as informações sejam verificadas e autenticadas antes da publicação*, para que o que seja transmitido seja de fato verídico. (T02)

No excerto [10], identificamos a modalidade objetiva nessa sentença que pretende demonstrar algo positivo da futilidade, propiciando a leitura de *fake news* e da notícia real. Segundo o autor da redação (T03), observar a diferença entre elas, contribui para o aprendizado e o desenvolvimento da capacidade cognitiva e crítica desse leitor. A modalidade objetiva apresenta-se através do termo em destaque no excerto “ser usada” que confere ao período, acrescido de “além”, direcionamento para um possível aprendizado em se ler as *fake news* que circulam no ambiente virtual, aguçando as capacidades supracitadas.

Já no excerto [11], a palavra em destaque “cegamente” confere ao período um juízo de valor sobre o assunto tratado na redação através da modalidade de advérbio de opinião. No excerto [12], identificamos o lexema avaliativo “pequena”, a interpretação desse lexema no período contribui para uma mudança significativa diante de uma atitude reflexiva conferida a cada indivíduo.

Ao analisarmos o excerto [13], o termo “infelizmente” é um advérbio modalizador do enunciado, porque incide sobre o dito ao tratar das ações individuais de compartilhamento de *fake news*. No excerto [14], identificamos um exemplar de proposição subordinada conforme a oração em destaque. Segundo Adam (2008), essas orações estão inclusas em uma categoria que se compõe de três tipos de unidades gramaticais: o advérbio, o grupo preposicional e a proposição subordinada.

A categoria *diferentes tipos de representação da fala* apresenta-se através das pessoas ou das personagens que “geram tensão entre a busca de uma continuidade enunciativa da narração e as rupturas que toda fala representada introduz” (ADAM, 2008, p. 119). Essa categoria é apresentada através do discurso direto (DD), discurso direto livre (DDL) que é uma forma não-marcada, discurso indireto (DI), discurso narrativizado (DN) e discurso indireto livre (DIL), sendo uma representação mais complexa da fala. Nos excertos analisados, identificamos alguns tipos de representação da fala presentes nas redações, vejamos a seguir:

[15]

Arnold Toynbee disse: *“Tornamo-nos deuses na tecnologia, mas permanecemos macacos na vida”*. (T01)

[16]

Segundo o sociólogo Émile Durkheim, *a harmonia na sociedade é quebrada quando um indivíduo busca cumprir seu objetivo próprio, o que constitui uma anomia social, prejudicando a sociedade*. (T05)

[17]

[...] Fabiane Maria de Jesus *foi morta após ser confundida por uma outra pessoa que praticava magia negra.* (T05)

No excerto [15], identificamos um exemplar de discurso direto. Esse tipo de representação da fala apresenta-se em maior número nas redações analisadas. Verificamos que, no excerto analisado, há a marcação através das aspas duplas que indicam a inserção da fala de alguém relevante para a construção da responsabilidade enunciativa.

Já no excerto [16], identificamos o discurso indireto, recebendo destaque aqui na análise como um dos que mais se apresenta nessas redações. A responsabilidade enunciativa fica bem marcada por esse discurso, uma vez que a ênfase é na pessoa citada, “o sociólogo Émile Durkheim”, para respaldar a argumentação no texto e referendar a RE.

No excerto [17], verificamos o discurso narrativizado que, de acordo com Adam (2008, p. 119), apresenta-se como “a continuidade dos índices referenciais nominais, dos dêiticos (índices de pessoas e advérbios) e dos tempos verbais é garantida”. Esse discurso mostra-se com pouca recorrência nas redações seja pela não exploração desse recurso linguístico em âmbito escolar, seja pela predominância dos dois discursos anteriores analisados.

Os demais tipos de representação de fala – discurso direto livre (DDL) e discurso indireto livre (DIL) – não apresentaram nenhuma ocorrência no *corpus* de doze (12) redações analisadas.

A categoria *indicações de quadros mediadores* apresenta-se através de marcadores, modalização por um tempo verbal, escolha de um verbo de atribuição de fala, reformulações e oposição. A partir dessas classificações, identificamos os seguintes excertos:

[18]

Segundo o site “Folha de São Paulo”, em 2014 [...] (T05)

[19]

[...] conforme *sugere* Allen Ginsberg, filósofo estadunidense, em “quem controla a mídia, as imagens, controla a cultura” [...] (T08)

[20]

Análogo a esse fato histórico, *é evidente* que as “fake news” virtuais revivem esse período de mal [...] (T06)

[21]

Sob tal enfoque, *é mister* destacar que a “Alegoria da Caverna” do filósofo grego [...] (T09)

No decorrer da análise, identificamos a recorrência maior de marcadores em relação às demais classificações da categoria. Pudemos observar que no excerto [18] o recurso linguístico-discursivo “segundo” é preponderante nas redações como indicação de quadro mediador classificado como marcador. Já no excerto

[19], o verbo “sugere” é uma atribuição de fala, o segundo mais recorrente na análise.

Nos excertos [20] e [21], identificamos que os recursos linguístico-discursivos “é evidente” e “é mister” são classificados como reformulação, referindo-se ao que foi dito na oração ou período anterior. As demais classificações – modalização por tempo verbal no futuro do pretérito e oposição – não foram identificadas na análise.

A categoria *fenômenos de modalização autonímica* é “todo enunciado metaenunciativo que, num debruçar-se reflexivo do dito sobre o dizer, manifesta a não-transparência e a não-evidência das palavras” (ADAM, 2008, p. 120). Essa categoria pode ser marcada sob a forma de aspas ou itálico, mas também com uma manifestação de

uma não-coincidência do discurso consigo mesmo (*mesmo se diz, para empregar um termo filosófico*), uma não-coincidência entre as aspas e as coisas (*por assim dizer, melhor dizendo, não encontro a palavra*), uma não-coincidência das palavras com elas mesmas (*no sentido etimológico, nos dois sentidos do termo*), ou, ainda, uma não-coincidência interlocutiva (*como é a expressão?, como você costuma dizer*) (ADAM, 2008, p. 120).

Conforme essa classificação, identificamos algumas recorrências, num total de doze (12), dessa categoria nas redações analisadas marcadas com as aspas. De acordo com a citação supracitada, compreendemos que o não dizer pode estar mais presente na construção oral que na escrita, principalmente, nas redações analisadas. Isso não implica dizer que, na escrita, não se apresente as não-coincidências. Tomamos por base para afirmar isso, porque esses textos seguem um modelo do gênero redação do Enem cujo objetivo é compreender a construção do texto para o bom êxito no exame. Somamos a isso a falta de propriedade no desenvolvimento do assunto do texto, direcionando a uma construção textual que segue um padrão e é orientada pelo professor. Vejamos os excertos com a marcação das aspas conforme a categoria:

[22]

No Brasil, combater a “*fake News*” no ambiente digital constitui um problema de ordem social e democrática. (T12)

[23]

Para tanto, o Governo deve criar e potencializar projetos de extensão contra o divulgamento de relatos falsificados, como a “*Lei das Fake News*”, por meio de um ciclo de ações engajadas. (T10)

[24]

[...] que discutam os efeitos negativos das notícias falsas à saúde brasileira, com o fito de atenuar a relação entre a realidade hodierna e a obra “*1984*”. (T10)

Observamos nesses três excertos [22], [23] e [24] que os termos “fake News”, “Lei das Fake News” e “1984” são utilizados de maneiras diferentes para identificar a RE. A primeira indica o nome estrangeiro que se traduz como notícias falsas, nome que se popularizou nas redes sociais e é mais comum que a própria expressão traduzida. A segunda refere-se ao projeto de lei apresentado ao Senado Federal o PL 2.630/2020 que recebe, comumente, o nome em destaque por aspas, mas é denominado de Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. A terceira é o nome de uma obra que inspirou os *reality shows* e é mencionada na redação para justificar a natureza nociva das notícias falsas.

Podemos identificar que a marcação entre aspas demonstra essa alteridade nos textos analisados. Há informações pertinentes em cada termo destacado pela marcação da RE. Vejamos o quadro que indica as recorrências e as percentagens das categorias analisadas:

Quadro 01 – Resultado de recorrências e percentagens da RE

Categorias da RE	Recorrências	Percentual
Índices de pessoas	05	1,5 %
Dêiticos espaciais	16	4,8%
Dêiticos temporais	21	6,3%
Tempos verbais	194	57,7 %
Modalidades	38	11,3%
Diferentes tipos de fala	30	8,9 %
Indicação de quadro mediador	13	3,9%
Fenômenos de modalização autonímica	19	5,7%

Fonte: Produzido pelos autores

A análise apresentada pretende levar a uma reflexão sobre a construção do gênero redação do Enem no 1º ano do Ensino Médio e perceber como o protótipo da sequência textual, o plano de texto e os recursos linguístico-discursivos da RE estão presentes nesse *corpus* de redações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, levando em consideração a teoria trabalhada neste artigo e as análises apresentadas, podemos considerar que as prosas escolares de alunos em processo de consolidação de uma escrita proficiente, apresentam uma estrutura textual que vai ao encontro das considerações postuladas por Adam, com uma tese inicial, lançamento de dados, suporte, não houve a presença de refutações e, ao fim, a elaboração de uma conclusão. Além disso, percebemos também que os textos apresentam indícios de autoria, observamos, principalmente, a quantidade de verbos no indicativo, marcando um ponto de vista – PdV anônimo.

Ainda sobre a análise textual, percebemos a predominância do movimento justificativo, já o movimento dialógico não foi encontrado em nem uma das redações colhidas. Isso nos leva a perceber o quanto o movimento dialógico torna-

se mais complexo para os alunos no início do Ensino Médio. Também podemos ressaltar o quanto os estudantes são induzidos a trabalharem com modelos textuais prontos, aptos a receberem qualquer tema. Tais dados ainda enfatizam que não ocorrendo o movimento dialógico, não há, conseqüentemente, a utilização de refutações, o que nos leva a concluir que o ensino dessas produções é somente para alcance de êxito no exame. O aluno não se apropria da construção do texto argumentativo para utilizá-lo em outras situações reais da vida

A respeito da RE, conseguimos destacar a predominância de alguns dados, principalmente, de categoria verbal e de fenômeno de modalização autonímica. Em relação aos verbos, identificamos em maioria verbos no presente do indicativo na terceira pessoa do singular, o que marca um ponto de vista anônimo. Ademais, a presença constante do fenômeno de modalização autonímica demonstra uma possível insegurança dos estudantes em utilizar informações, por isso colocam-na entre aspas, ou, principalmente, pelo pouco domínio do assunto, tendo em vista a utilização de modelos prontos tais como as citações “decoradas” para adequá-las em qualquer texto desse gênero. Portanto, podemos salientar que mesmo a análise ocorrendo em textos com uma escrita ainda não proficiente, as prosas escolares demonstram seguir uma estrutura e apresentam, também, indícios de autoria conforme os dados citados.

Referências

ADAM, J-M. **Textos tipos e protótipos**. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo, Contexto, 2019.

ADAM, J-M. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.

ADAM, J-M. Uma abordagem textual da argumentação: “esquema”, sequência e frase periódica. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 133-158.

ADAM, J.-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J-M. **Le textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

BERNADINO, R. A. dos S. *et al.* Responsabilidade Enunciativa na escrita do texto científico. **Intersecções**. v. 2, 2012. p. 35-55.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo, Contexto, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, F. C. C. de; PONTE, D. B. da; NETO, J. L. da S.; PIMENTEL, R. A. A sequência textual argumentativa e a responsabilidade enunciativa em textos do gênero redação do ENEM de estudantes de 1º ano do ensino médio. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 0, n. 0, 2021, p. 243-264.

Os Autores

FLÁVIA CRISTINA CANDIDO DE OLIVEIRA é professora Adjunto I no Centro de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), coordenadora do grupo de estudo GELPI e do grupo de pesquisa GPELP (UVA).

DANIELLE BEZERRA DA PONTE é graduanda da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e bolsista PIC – PBPU (UVA).

JOSÉ LOURENÇO DA SILVA NETO é graduando da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e voluntário PROVIC (UVA).

REBECA ÁVILA PIMENTEL é graduanda da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e voluntária PROVIC (UVA).